

João Batista e suas manifestações na época da Codificação

João Batista era o protetor da Sociedade Espírita de Saint-Jean d'Angély, onde sempre se manifestava. A participação dele no relato abaixo estará na cor azul.

REVISTA ESPÍRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

5º ANO

Nº 11

NOVEMBRO 1862

Os mistérios da torre Saint-Michel de Bordeaux

História de uma múnia

[...] é a história do homem enterrado vivo e de duas outras pessoas que a ele se ligam, obtido numa série de evocações feitas na Sociedade Espírita de Saint-Jean d'Angély, no mês de agosto último, e que nos foram comunicadas quando de nossa passagem. Pelo que concerne à autenticidade dos fatos, a isso nos referiremos na nota colocada no fim deste artigo.

(Saint-Jean d'Angély, 9 de agosto de 1862. - Médium, Sr. Del.....pela tiptologia.)

1. Pergunta ao guia protetor: Podemos evocar o Espírito que animou o corpo que se vê na adega da torre Saint-Michel de Bordeaux, e que parece ter sido enterrado vivo? - R. Sim, e que isso sirva para o vosso ensinamento.

2. Evocação. - (O Espírito manifesta a sua presença.)

3. Poderíeis nos dizer qual foi o vosso nome quando animáveis o corpo de qual falamos? - R. Guillaume Remone.

4. Vossa morte foi uma expiação ou uma prova que havíeis escolhido com o

objetivo de vosso adiantamento? - R. Meu Deus, porque, em tua bondade, prossegue a tua justiça sagrada? Sabeis que a expiação é sempre obrigatória, e que aquele que comete um crime não pode evitá-la. Estava eu nesse caso, é tudo vos dizer. Depois de muitos sofrimentos, cheguei a reconhecer meus erros, e deles senti todo o arrependimento necessário para a minha reentrada em graça diante do Eterno.

5. Podeis nos dizer qual foi o vosso crime? - R. Tinha assassinado minha mulher em seu leito.

(10 de agosto. - Médiun, senhora Guérin, pela escrita.)

6. Quando, antes de vossa encarnação, escolhestes vosso gênero de provas, sabíeis que serieis enterrado vivo? - Não; sabia somente que deveria cometer um crime odioso que encheria minha vida de remorsos cruciantes, e que essa vida, eu a acabaria em dores atrozes. Vou ser logo reencarnado; Deus tomou em piedade minha dor e meu arrependimento.

Nota. Esta frase: Sabia que deveria cometer um crime, está explicada adiante, perguntas 30 e 31.

7. A justiça perseguiu alguém por ocasião da morte de vossa mulher? - R. Não; acreditaram numa morte súbita; eu a havia sufocado.

8. Que motivo vos levou a esse ato criminoso? - R. O ciúme.

9. Foi por descuido que vos enterraram vivo? - R. Sim.

10. Lembrai-vos dos instantes de vossa morte? - R. É alguma coisa de terrível, impossível de descrever. Figurai-vos estar numa fossa com dez pés de terra sobre vós, querer respirar e faltar ar, querer gritar: "Estou vivo!" e sentir sua voz abafada; ver-se morrer e não poder chamar por socorro; sentir-se cheio de vida e riscado da lista dos vivos; ter sede e não poder se dessedentar; sentir as dores da fome e não poder fazê-la cessar; morrer, numa palavra, numa raiva de condenado.

11. Nesse momento supremo, pensastes que era o momento de vossa punição? - R. Não pensei em nada; morri como um enraivecido, ferindo-me nas paredes de meu caixão mortuário, querendo dele sair vivo a todo preço.

Nota. Esta resposta é lógica e se acha justificada pelas contorções nas quais se vê, examinando o cadáver, que o indivíduo deve ter morrido.

12. Vosso Espírito liberto reviu o corpo de Guillaume Remone? - R. Logo depois de minha morte, eu me via ainda na terra.

13. Quanto tempo ficastes nesse estado, quer dizer, tendo o vosso Espírito ligado ao corpo embora não o animasse mais? - R. Em torno de quinze a dezoito dias.

14. Quando pudestes deixar vosso corpo, onde vos encontrastes? - R. Vi-me cercado de uma multidão de Espíritos como eu cheios de dor, não ousando elevar para Deus seu coração preso à Terra, e desesperançado de receber seu perdão.

Nota. O Espírito ligado ao seu corpo e sofrendo ainda as torturas dos últimos instantes, pois se achando no meio de Espíritos sofredores, desesperançosos de seu perdão não é o inferno com seus prantos e seu ranger de dentes? É necessário fazer dele uma fornalha com as chamas e as forcas? Essa crença na perpetuidade dos sofrimentos é, como se sabe, um dos castigos infligidos aos Espíritos culpados. Esse estado dura tanto quanto o Espírito não se arrepende, e durará sempre se não se arrepende jamais, porque Deus não perdoa senão ao pecador arrependido. Desde que o arrependimento entre em seu coração, um raio de esperança lhe faz entrever a possibilidade de um fim para os seus males; mas só o arrependimento não basta; Deus quer a expiação e a reparação, e é pelas reencarnações sucessivas que Deus dá aos Espíritos imperfeitos a possibilidade de se melhorarem. Na erraticidade eles tomam resoluções que procuram executar em sua vida corporal; é assim que, a cada existência, deixando alguma impureza, chegam gradualmente a se aperfeiçoarem, e dão um passo adiante para a felicidade eterna. A porta da felicidade, portanto, jamais lhes é fechada, mas a alcançam num tempo mais ou menos longo, segundo a sua vontade e o trabalho que fazem, sobre si mesmos, para merecê-lo.

Não se pode admitir a onipotência de Deus sem a presciência; desde então, pergunta-se por que Deus, criando uma alma, sabendo que ela deverá falir sem poder se levantar, a tirou do nada para votá-la aos tormentos eternos? Quis, pois, criar almas infelizes? Esta proposição é insustentável com a ideia da bondade infinita, que é um dos seus atributos essenciais. De duas coisas uma, ou ele sabia, ou não o sabia; se não sabia não é todo-poderoso; se o sabia, não é nem justo e nem bom; ora, tirar uma parcela do infinito dos atributos de Deus, é negar a Divindade. Tudo se concilia, ao contrário, com a possibilidade deixada ao Espírito de reparar suas faltas. Deus sabia que, em virtude de seu livre arbítrio, o Espírito faliria, mas sabia também que se reabilitaria; sabia que tomando o mau caminho retardaria sua chegada ao objetivo, mas que chegaria cedo ou tarde, e é para fazê-lo chegar mais depressa que multiplica as advertências sobre seu caminho; se não as escuta, não é senão mais culpável, e merece a prolongamento de suas provas. Dessas duas doutrinas, qual é a mais racional?

A.K.

(11 de agosto.)

15. Nossas perguntas vos seriam desagradáveis? -R. Isso me lembra pungentes recordações; mas agora que reentrei em graça por meu arrependimento, estou feliz em poder dar minha vida em exemplo, a fim de premunir meus irmãos contra as paixões que poderiam arrastá-los, como eu.

16. Vosso gênero de morte, comparado ao de vossa mulher, nos faz supor que

se vos aplicou a pena de talião, e que estas palavras do Cristo se cumpriram em vossa pessoa: “Aquele que fere pela espada, perecerá pela espada.” Quereis, pois, nos dizer como asfixiastes vossa vítima? - R. Em seu leito, como já disse, entre dois colchões, depois de lhe ter colocado uma mordança para impedi-la de gritar.

17. Gozáveis de uma boa reputação em vossa vizinhança? - R. Sim; era pobre, mas honesto e estimado; minha mulher era igualmente de uma família honrada; e nessa noite, durante a qual o ciúme me manteve desperto, vi sair um homem de seu quarto; embriagado de ódio, não sabendo o que fazia, tornei-me culpado do crime que vos revelei.

18. Revistes vossa mulher no mundo espírita? - R. Foi o primeiro Espírito que se ofereceu à minha visão, como para reprovar meu crime. Vi-a por muito tempo e infeliz também; não foi senão depois que foi decidido que eu seria reencarnado, que me desembarcei de sua presença.

Nota. - A visão incessante das vítimas é um dos castigos mais comuns infligidos aos Espíritos criminosos. Aqueles que são mergulhados nas trevas, o que é muito frequente, não podem, a miúdo, dele escapar. Não veem nada, se isso não é o que pode lembrar-lhes seu crime.

19. Pedistes a ela para vos perdoar? - R. Não; nos fugíamos sem cessar, e nos encontrávamos sempre cara a cara, um do outro, para nos torturar reciprocamente.

20. No entanto, do momento em que vos arrependestes, foi necessário pedir-lhe perdão? - R. Do momento que me arrependi, não mais a revi.

21. Sabeis onde ela está agora? - R. Não sei o que ela se tornou, mas vos será fácil disso se informar, **junto de vosso guia espiritual, São João Batista.**

22. Quais foram vossos sofrimentos como Espírito? - R. Estava cercado de Espíritos desesperados; eu mesmo acreditava jamais sair desse estado infeliz; nenhum clarão de esperança brilhava em minha alma endurecida; a visão de minha vítima coroava o meu martírio.

23. Como fostes levado a um estado melhor? - R. Do meio de meus irmãos em desespero, um dia visei um objetivo que, compreendi-o logo, não podia alcançar senão pelo arrependimento.

24. Que era esse objetivo? - R. Deus, do qual todo ser tem a ideia, malgrado seu.

25. Dissestes já duas vezes que iríeis reencarnar logo; há indiscrição em vos perguntar qual gênero de provas escolhestes? - R. A morte colherá todos os seres que me serão caros, e eu mesmo passarei pelas doenças mais abjetas.

26. Estais feliz agora? - R. Relativamente, sim, uma vez que entrevejo um fim

aos meus sofrimentos; efetivamente, não.

27. Do momento em que entrastes em letargia, até o momento em que fostes despertado em vosso caixão, vistes e ouvistes o que se passava ao vosso redor?- R. Sim, mas tão vagamente que eu acreditava sonhar.

28. Em que ano morrestes? - R. Em 1612.

29. (A São João Batista.) G. Remone não foi constrangido, por punição, sem dúvida, a vir à nossa evocação confessar seu crime? Isto parece resultar da sua primeira resposta, na qual fala da justiça de Deus. — R. Sim, ele foi forçado, mas a isso se resignou de boa vontade, quando viu como um meio a mais para ser agradável a Deus, em vos servindo em vossos estudos espíritas.

30. Sem dúvida, esse Espírito se enganou quando disse (pergunta 6): “Sabia que deveria cometer um crime.” Sabia, provavelmente, que estaria exposto a cometer um crime, mas, tendo seu livre arbítrio, poderia muito bem não sucumbir à tentação. - R. Explicou-se mal; deveria dizer: “Sabia que minha vida deveria ser cheia de remorsos.” Estava livre para escolher um outro gênero de provas; ora, para ter remorsos, é preciso supor que cometeria uma má ação.

31. Não poderia admitir-se que ele não teve seu livre arbítrio senão no estado errante, escolhendo tal ou tal prova, mas que, uma vez escolhida essa prova, não tinha mais, como encarnado, a liberdade de não cometer a ação, e que seria preciso necessariamente que o crime fosse cometido por ele? — R. Poderia evitá-lo; tinha seu livre arbítrio, como Espírito e no estado de encarnado; poderia, pois, resistir, mas suas paixões o arrastaram.

Nota. - É evidente que o Espírito não se dera bem conta de sua situação; confundiu a prova, quer dizer, a tentação de fazer, com a ação; e como sucumbiu, pôde crer numa ação fatal escolhida por ele, o que não seria racional. O livre arbítrio é o mais belo privilégio do espírito humano, e uma prova brilhante da justiça de Deus que torna o Espírito o árbitro de seu destino, uma vez que dele depende abreviar seus sofrimentos ou prolongá-los por seu endurecimento e sua má vontade. Supor que ele possa perder sua liberdade moral como encarnado, seria tirar-lhe a responsabilidade de seus atos. Pode-se ver, por aí, que não é preciso admitir senão depois de maduro exame certas respostas dos Espíritos, sobretudo quando elas não estão, em todos os pontos, conformes com a lógica.

A. K.

32. Devemos supor que um Espírito possa, como prova, escolher uma vida de crimes, uma vez que escolhesse o remorso, que não é senão a consequência da infração à lei divina? - R. Pode escolher a prova de a isto estar exposto mas, tendo seu livre arbítrio, pode também não sucumbir. Assim G. Remone tinha escolhido uma vida cheia de desgostos domésticos que lhe suscitariam a ideia do crime, o qual deveria

inundar a sua vida de remorsos, se o cumprisse. Quis, pois, tentar essa prova para ensaiar dela sair vitorioso.

Vossa linguagem está tão pouco em harmonia com a maneira de comunicar dos Espíritos, que ocorre, muito frequentemente, que há retificações a fazer nas frases que vos dão os médiuns, sobretudo os médiuns intuitivos; pela combinação dos fluidos, nós lhes transmitimos a ideia que eles traduzem mais ou menos bem, segundo essa combinação seja mais ou menos fácil entre o fluido do nosso perispírito e o fluido animal do médium.

Senhora Remone.

(12 de agosto.)

33. (A São João.) **Poderíamos evocar o Espírito** da senhora de G. Remone? - R. **Não; ela está encarnada.**

34. Sobre a Terra? - R. Sim.

35. Se não podemos evocá-la como Espírito errante, não poderíamos fazê-lo como encarnado, e **não poderíeis nos dizer quando ela dormirá?** - Podeis fazê-lo neste momento, porque as noites para esse Espírito são os dias para vós.

36. Evocação do Espírito da senhora Remone. - (O Espírito se manifesta.)

37. Lembrai-vos da existência na qual vos chamava senhora Remone? -- R. Sim; oh! Por que me fazer lembrar de minha vergonha e de minha infelicidade?

38. Se estas perguntas vos causam alguma dificuldade, nós as cessaremos. - R. Peco-vos isso.

39. Nosso objetivo não é causar-vos dificuldade; não vos conhecemos, e não vos conheceremos provavelmente jamais; mas só queremos fazer estudos espíritas. - R. Meu Espírito está tranquilo, por que querer agitá-lo com lembranças penosas? Não podeis, pois, fazer estudos sobre Espíritos errantes?

40. (A São João.) Devemos cessar nossas perguntas que parecem despertar uma lembrança penosa neste Espírito? - R. A isto vos convido; é ainda uma criança, e a fadiga de seu Espírito reagiria sobre seu corpo; de resto, há pouca coisa além da repetição do que vos disse seu marido.

41. G. Remone e sua mulher perdoaram-se por seus erros recíprocos? - R. Não; é preciso para isso que cheguem a um grau de perfeição mais elevado.

42. Se esses dois Espíritos se reencontrassem sobre a Terra, no estado de encarnados, que sentimentos experimentariam um pelo outro? - R. Não experimentariam senão a antipatia.

43 G. Remone revendo, como visitante, seu corpo na adega de Saint-Michel, sentiria uma sensação desconhecida aos outros curiosos? - R. Sim; mas essa sensação lhe pareceria muito natural.

44. Reviu ele seu corpo depois que foi retirado da terra? - R. Sim.

45. Quais foram suas impressões? - R. Nenhuma; sabeis bem que os Espíritos desligados de seu envoltório veem as coisas desse mundo com um outro olhar do que vós outros encarnados.

46. Poderíamos obter algumas informações sobre a posição atual da senhora Remone? - R. Perguntai.

47. Qual é hoje seu sexo? - R. Feminino.

48. Seu país natal? - R. Ela está nas Antilhas, filha de um rico negociante.

49. As Antilhas pertencem a várias potências; qual é sua nação? - R. Ela mora em Havana.

50. Poderíamos saber seu nome? - R. Não o pergunteis.

51. Qual é sua idade? - R. Onze anos.

52. Quais serão suas provas? - R. A perda de sua fortuna; um amor ilegítimo e sem esperança, juntos à miséria e aos trabalhos mais penosos.

53. Dissestes um amor ilegítimo; amarás ela, pois, seu pai, seu irmão, ou um dos seus? - R. Ela amarás um homem consagrado a Deus, só e sem esperança de retorno.

54. Agora que conhecemos as provas desse Espírito, **se nós o evocássemos, de tempo em tempo, durante seu sono**, nos dias de sua infelicidade, não poderíamos lhe dar alguns conselhos para levantar sua coragem e pôr sua esperança em Deus; isto influenciaria as resoluções que poderia tomar no estado de vigília? - R. Muito pouco; essa jovem já tem uma imaginação de fogo e uma cabeça de ferro.

55. Dissestes que, no país em que ela reside, as noites são os nossos dias; ora, entre Havana e Saint-Jean d'Angély, não há senão uma diferença de cinco horas e meia; como era aqui duas horas no momento da evocação, deveria ser em Havana oito horas e meia da manhã? - R. Enfim, **ela dormitava no momento em que a evocastes**, ao passo que há muito tempo estáveis despertos. **Dorme-se tarde nestes países** quando se é rico e não se tem nada a fazer.

Nota. Dessas duas evocações ressaltam vários ensinamentos. Se na vida exterior de relação, **o Espírito encarnado não se lembra de seu passado, liberto, durante o repouso do corpo, ele se lembra.** Não há, pois, solução de continuidade na vida do Espírito, que, **nesses momentos de emancipação, pode lançar um olhar retrospectivo sobre suas existências anteriores, e delas trazer uma intuição que pode dirigi-lo no estado de vigília.**

Em muitas ocasiões, já fizemos ressaltar os inconvenientes que se apresentariam, no estado de vigília, a lembrança precisa do passado. Essas evocações disso nos fornece um exemplo. Foi dito que se G. Remone e sua mulher se reencontrassem, sentiriam um pelo outro antipatia; que seria isso, pois, se se lembrassem de suas antigas relações! O ódio entre eles despertaria inevitavelmente; em lugar de dois seres simplesmente antipáticos um ao outro, seriam talvez inimigos mortais. Com a sua ignorância, são mais eles mesmos, e caminham livremente na nova rota que têm a percorrer; a lembrança do passado perturbá-los-ia, humilhando-os aos seus próprios olhos e aos olhos dos outros. O esquecimento não lhes faz perder o benefício da experiência, porque **nascem com o que adquiriram em inteligência e em moralidade; são aquilo que se fizeram**; é para eles um novo ponto de partida. Se, às novas provas que G. Remone terá a suportar, se juntasse a lembrança das torturas de sua última morte, isso seria um suplício atroz que Deus quis poupar, lançando para ele um véu sobre o passado.

A. K.

JACQUES NOULIN.

(15 de agosto.)

56. (A São João.) Podemos evocar o cúmplice da senhora Remone? - R. Sim.

57. Evocação. - (O Espírito se manifesta.)

58. Jurais em nome de Deus que sois o Espírito daquele que foi o rival de Remone. - R. Eu o jurarei em nome de tudo o que quiserdes. - Jurai em nome de Deus. - Eu o juro em nome de Deus.

59. Não pareceis ser um Espírito muito avançado? - R. Ocupai-vos de vossos assuntos e deixai-me ir daqui.

Nota. Como não há portas fechadas para os Espíritos, se este pede que se o deixe ir, é que um poder superior lhe constrange a ficar, sem dúvida para sua instrução.

60. Ocupamo-nos dos nossos assuntos, porque queremos saber como, na outra vida, a virtude é recompensada e o vício punido? - R. Sim, meu muito querido, cada um recebe recompensa, ou punição, segundo suas obras; tratai, pois, de andar direito.

61. As vossas fanfarrônicas não nos amedrontam; colocamos nossa confiança em Deus; mas pareceis ainda bem atrasado. - R. Sou sempre João-Grosso como antes.

62. Não podeis, pois, responder seriamente às perguntas sérias? - R. Por que vos dirigis a mim, pessoas sérias? Estou antes disposto a rir que a fazer filosofia; sempre gostei das mesas bem servidas, das mulheres amáveis e do bom vinho.

63. (Ao anjo guardião do médium.) Podeis nos dar algumas informações sobre este Espírito? - R. Não é bastante avançado para vos dar boas razões.

64. Haveria perigo em entrar em comunicação com ele? Poderíamos levá-lo a

melhores sentimentos? - R. Isso poderá aproveitar mais a ele do que a vós. Tentai, talvez possais decidi-lo a encarar as coisas de outro ponto de vista.

65. (Ao Espírito.) Sabeis que o Espírito deve progredir; que deve, por encarnações sucessivas, chegar até Deus, do qual pareceis bem distante? - R. Jamais pensei nisso; depois, dele estou tão longe! Não quero empreender uma viagem tão longa.

Nota. Eis, pois, um Espírito que, em razão de sua leviandade e de seu pouco adiantamento, não desconfia da reencarnação. Quando chegar para ele o momento de retomar uma nova existência, que escolha poderá fazer? Evidentemente, uma escolha em relação com seu caráter e seus hábitos, em vista de gozar, e não em vista de expiar, até que seu Espírito esteja bastante desenvolvido para compreender-lhe as consequências. É a historiada criança inexperiente que se lança estouvadamente em todas as aventuras e que adquire a experiência às suas custas. **Lembremos aqui que, para os Espíritos atrasados, incapazes de fazerem uma escolha com conhecimento de causa, há encarnações obrigatórias.**

A. K.

66. Conhecestes G. Remone? - R. Sim, verdadeiramente, o pobre-diabo...

67. Suspeitastes de haver ele matado sua mulher? - R. Eu era um pouco egoísta, ocupando-me mais de mim do que dos outros; quando soube de sua morte, eu a chorei sinceramente e não procurei a causa.

68. Qual era, então, a vossa posição? - R. Era um pobre clérigo-porteiro; um salta-riacho como dizeis hoje.

69. Depois da morte dessa mulher, pensastes alguma vez nela? - R. Não me lembreis, pois, tudo isso.

70. Nós queremos vo-lo recordar, porque pareceis mais que não o fizestes. - R. Pensei muito nela algumas vezes, mas como estava sem cuidado do meu natural, sua lembrança passou como um relâmpago, sem deixar marcas.

71. Qual era o vosso nome? - R. Sois muito curiosos, e, se a isso não estivesse forçado, já vos teria abandonado com vossa moral e vossos sermões.

72. Vivíeis num século religioso; jamais, pois, orastes por essa mulher que amáveis? - R. É como isso.

73. Revistes G. Remone e sua mulher no mundo dos Espíritos? - R. Encontrei bons meninos como eu, e quando esses chorões queriam se mostrar, eu lhes voltava as costas; não gosto de me dar a pena, etc...

74. Continuai. - R. Não sou tão tagarela quanto vós; ficarei aí, se quiserdes.

75. Sois felizes hoje? - R. Por que não? divirto-me em pregar peças naqueles que

disso não desconfiam, e que creem ter relações com os bons Espíritos; desde que se ocupam conosco, pregamos boas peças.

76. Não está aí a felicidade; a prova de que não sois feliz, é que dissesdes que estáveis forçado a vir; ora, não é feliz quem está forçado a fazer o que o desagrada. - R. Não se tem sempre superiores? isto não impede de ser feliz. Cada um toma sua felicidade onde a encontra.

77. Poderíeis, com alguns esforços, pela prece sobretudo, alcançar a felicidade daqueles que vos comandam. - R. Não pensei nisso; ides me tornar ambicioso. Não me enganais, sempre? Não ides inquietar meu pobre Espírito por nada.

78. Não vos enganamos; trabalhai, pois, para o vosso adiantamento. - R. É preciso se dar muito mal, e sou preguiçoso.

79. Quando se é preguiçoso, pede-se a um amigo para nos ajudar; nós vos ajudaremos, por tanto; oraremos por vós. -R. Orai, pois, para que eu me decida a orar, eu mesmo.

80. Nós oraremos, mas orai de vosso lado. - R. Credes que se eu orasse isso me daria ideias no sentido das vossas?

81. Sem dúvida; mas orai de vosso lado; nos vos evocaremos quinta-feira 21, para ver o progresso que tereis feito e vos dar conselhos, se isto pode vos ser agradável. - R. Então, até breve.

82. Quereis nos dizer vosso nome agora? - R. Jacques Noulin.

No dia seguinte, o Espírito foi evocado de novo, e lhe foram feitas diferentes perguntas sobre a senhora Remone; suas respostas foram bem pouco edificantes e no gênero das primeiras. São João, consultado, respondeu: “Errastes em perturbar esse Espírito e despertar nele a ideia de suas antigas paixões. Faríeis muito melhor esperando o dia indicado; ele está numa perturbação nova para ele; a vossa evocação o tinha lançado em ideias de uma ordem inteiramente diferente de suas ideias habituais; não pudera ainda tomar decisão muito positiva, no entanto, se dispôs a tentar a prece. Deixai até o dia que lhe indicastes; daqui até lá, se escutar os bons Espíritos que querem vos ajudar em vossa boa obra, podereis obter alguma coisa dele.”

(Quinta-feira, 21.)

83. (A São João.) Desde nossa última evocação, Jacques Noulin melhorou? - R. Orou e a luz se fez em sua alma, agora ele crê que está destinado a se tornar melhor e se dispôs a trabalhar para isso.

84. Que caminho devemos seguir em seu interesse? - R. Perguntai-lhe o estado

atual de sua alma, e fazei-o olhar a si mesmo, para que se dê conta de sua mudança.

85. (A Jacques Noulin.) Refletistes como nos prometestes, e podeis nos dizer qual é hoje a vossa maneira de encarar as coisas? - R. Quero, antes de tudo, vos agradecer; poupaste-me muitos anos de cegueira. Há alguns dias compreendo que Deus é o meu objetivo; que devo fazer todos os meus esforços para me tornar digno de chegar a ele. Uma era nova se abre para mim; as trevas se dissiparam, e vejo agora o caminho que devo seguir. Tenho o coração cheio de esperança, e sustentado pelos bons Espíritos que vêm em ajuda aos fracos. Vou caminhar nessa nova senda onde já encontrei a tranquilidade e que deve me conduzir à felicidade.

86. Éreis verdadeiramente feliz, como o dissestes? - R. Era bem infeliz; vejo-o agora, mas me achava feliz como todos aqueles que não olham acima deles. Não pensava no futuro; caminhava, como sobre a Terra, em ser negligente, não me dando ao trabalho de pensar seriamente. Oh! quanto deploro a cegueira que me fez perder um tempo tão precioso! Fizestes um amigo, não o olvideis. Chamai-me quando quiserdes, e, se puder, eu virei.

87. Que pensam de vossa disposição os Espíritos com os quais tínheis o hábito de vos reunir? - R. Zombam de mim porque escutei os bons Espíritos, dos quais detestamos todos a presença e os conselhos.

88. Ser-vos-á permitido ir revê-los? - R. Não me ocupo mais senão de meu adiantamento; de resto, os bons anjos que velam sobre mim e que me cercam com seus cuidados, não me permitem mais olhar para trás, senão para me mostrar que rebaixamento era o meu.

Nota. - Não existe seguramente nenhum meio material de constatar a identidade dos Espíritos que se manifestaram nas evocações acima, também não o afirmaremos de maneira absoluta. Fazemos esta reserva para aqueles que creem que aceitamos cegamente tudo o que vem dos Espíritos; pecamos antes por um excesso de desconfiança; é que é preciso se guardar de dar como verdade absoluta o que não pode ser controlado; ora, na ausência de provas positivas, é preciso se limitar a constatar a possibilidade e procurar as provas morais à falta de provas físicas. No fato do qual se trata, as respostas têm um caráter evidente de probabilidade e sobretudo de alta moralidade; ali não se vê nenhuma dessas contradições, nenhuma dessas faltas de lógica que chocam o bom senso e revelam a fraude; tudo se liga e se encadeia perfeitamente, tudo concorda com o que a experiência já mostrou; pode-se, pois, dizer que a história é ao menos verossímil, o que já é muito. O que é certo, é que esse não é um romance inventado por homens, mas bem uma obra mediúnica; se fosse uma fantasia do Espírito, não poderia vir senão de um Espírito leviano, porque os Espíritos sérios não se divertem em fazer contos, e os Espíritos levianos deixam sempre descobrir seu verdadeiro caráter. Acrescentamos que **a Sociedade Espírita de Saint-Jean d'Angelyn é um dos centros mais sérios e dos melhor dirigidos que vimos**, e que ela não está composta

senão de pessoas tão recomendáveis pelo seu caráter como pelo seu saber, levando mesmo, podendo-se dizer, o escrúpulo a um excesso; pode ela ser julgada pela sabedoria e pelo método com os quais as perguntas foram colocadas e formuladas; também todas as comunicações que ali são obtidas atestam a superioridade dos Espíritos que se manifestam. As evocações acima, pois, foram feitas em excelentes condições, tanto pelo meio como pela natureza dos médiuns; é pelo menos para nós uma garantia de sinceridade absoluta. Não acrescentaremos senão que a veracidade desse relato nos foi atestado da maneira mais explícita por vários dos melhores médiuns da Sociedade de Paris.

Não encarando a coisa senão do ponto de vista moral, uma séria questão se apresenta. Eis dois Espíritos, Remone e Noulin, tirados de sua situação e levados a melhores sentimentos pela evocação e pelos conselhos que lhes foram dados. Pode-se perguntar se teriam ficado infelizes no caso em que não tivessem sido evocados, e o que ocorre com todos os Espíritos sofredores que não são evocados? A resposta já foi feita em a história de um condenado (Espírito de Castelnaudary) publicada na Revista de 1860. Acrescentaremos que esses dois Espíritos tendo chegado no momento em que poderiam ser tocados pelo arrependimento e receber a luz, circunstâncias providenciais, embora em aparências fortuitas, provocaram sua evocação, seja para seu bem, seja para a nossa instrução; a evocação é um meio, mas na falta deste, Deus não precisa de recursos para vir em ajuda dos infelizes, e poderemos estar certos de que todo Espírito que quer avançar, sempre encontra assistência, de uma maneira ou de outra.

A. K.

(KARDEC, A. *Revista Espírita 1862*. Araras, SP: IDE, 1993, p. 323-335)

Bom, com isso fica um tanto quanto sem lógica argumentar que o Espírito de Verdade seja o profeta João Batista, porquanto, na Codificação, não temos nenhum caso em que um determinado Espírito tenha se manifestado, num mesmo período de tempo, como dois de seus personagens de vidas anteriores.

Duas atas publicadas na *Revista Espírita 1860* (KARDEC, A. *Revista Espírita 1860*. Sobradinho, DF: Edicel, 2011) merecem destaque: 1ª) da sessão realizada em 27 de janeiro de 1860, temos a seguinte informação: “3a Dois ditados espontâneos foram obtidos simultaneamente; o primeiro de Abeillard, pelo senhor Rose, **o segundo de João, o batista**, pelo senhor Colin.” (p. 80) (grifo nosso); 2ª) datada de 12 de outubro de 1860, transcrevemos: “Um outro Espírito se comunica espontaneamente através da Srta. J...; por sua extrema suavidade, por sua escrita bem-posta, correta e quase moldada, [...], **a médium crê reconhecer João-Batista, que várias vezes assim se manifestou**. Ele fala da eficácia da prece e lembra as profecias do Apocalipse, que hoje encontram sua aplicação.” (p. 376) (grifo nosso). São provas de que o Espírito João Batista se manifestava nas reuniões da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Dessa revista não podemos também deixar de registrar um trecho do artigo “Sobre o valor das comunicações” de autoria do Sr. Jobard, presidente honorário da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, que, a certa altura, disse: “[...] **É por isso que o Espírito-Santo, o Espírito de Verdade**, nos recomenda o desprezo das coisas terrenas, que não podemos carregar, nem assimilar, para só pensarmos nos bens espirituais e morais, [...].” (p. 349) (grifo nosso) A designação de Espírito-Santo cabe muito bem a Jesus, jamais a João Batista.

Paulo da Silva Neto Sobrinho

Fev/2017

(versão 2 - Revisão maio/2017)